

MATT HAIG

**A BIBLIOTECA
DA MEIA-NOITE**

TRADUÇÃO DE
ADRIANA FIDALGO

1ª EDIÇÃO

B
BERTRAND BRASIL
RIO DE JANEIRO | 2021

Não posso ser todas as pessoas que quero e viver todas as vidas que quero. Não posso desenvolver em mim todas as aptidões que quero. E por que eu quero? Quero viver e sentir as nuances, os tons e as variações das experiências físicas e mentais possíveis de minha existência.

Sylvia Plath

“Entre a vida e a morte, há uma biblioteca”, disse ela. “E, dentro dessa biblioteca, as prateleiras não têm fim. Cada livro oferece uma oportunidade de experimentar outra vida que você poderia ter vivido. De ver como as coisas seriam se tivesse feito outras escolhas... Você teria feito algo diferente, se houvesse a chance de desfazer tudo de que se arrepende?”

Um bate-papo sobre chuva

Dezenove anos antes de decidir morrer, Nora Seed estava sentada no aconchego da pequena biblioteca da Hazeldene School, na cidade de Bedford. Olhava fixamente para um tabuleiro de xadrez em uma mesa baixa.

— Nora, querida, é natural se preocupar com o futuro — disse a bibliotecária, a Sra. Elm, os olhos cintilando como raios de sol refletindo no orvalho congelado.

A Sra. Elm fez o primeiro movimento. Cavalo pulando sobre uma fileira perfeita de peões brancos.

— É óbvio que você vai ficar estressada por causa das provas. Mas, Nora, você pode ser o que quiser. Pense em todas as possibilidades. Isso é muito empolgante!

— É. Pode ser...

— Uma vida inteira pela frente.

— Uma vida inteira...

— Você pode fazer qualquer coisa, morar onde quiser. Num lugar menos frio e chuvoso.

Nora moveu um dos peões duas casas adiante.

Era difícil não comparar a Sra. Elm com sua mãe, que tratava Nora como um erro a ser corrigido. Por exemplo, quando ela ainda era bebê, sua mãe ficou tão agoniada com o fato de sua orelha esquerda ser mais saliente que a direita que usava fita adesiva para tentar resolver o problema, e então a escondia por baixo de uma touca de lã.

— Eu *odeio* frio e chuva — acrescentou a Sra. Elm, para enfatizar.

A Sra. Elm tinha cabelos grisalhos e curtos, além de um simpático rosto ovalado e com poucas rugas, que pairava pálido sobre a gola alta do suéter

verde-tartaruga. Era já um tanto idosa. Mas era também a pessoa com quem Nora mais se identificava em toda a escola. Mesmo quando não estava chovendo, ela passava o recreio da tarde inteiro na pequena biblioteca.

— O frio e a chuva nem sempre andam juntos — argumentou Nora. — A Antártica é o continente mais seco da Terra. Tecnicamente, é um deserto.

— Parece perfeito para você.

— Não acho que seja longe o suficiente.

— Então talvez você devesse ser astronauta. Viajar pela nossa galáxia.

Nora sorriu.

— A chuva é ainda pior em outros planetas.

— Pior que em Bedfordshire?

— Em Vênus é ácido puro.

A Sra. Elm tirou um lenço de papel da manga e assoou o nariz, delicadamente.

— Viu? Com um cérebro desse, você consegue fazer qualquer coisa.

Um garoto loiro, que Nora reconheceu como sendo de uma turma dois anos abaixo da sua, passou correndo do outro lado da janela respingada de chuva. Ou perseguindo alguém ou sendo perseguido. Desde que o irmão se fora, ela se sentia um pouco desprotegida no mundo. A biblioteca era um pequeno abrigo de civilização.

— Papai acha que eu joguei tudo fora. Agora que parei de nadar.

— Olha, longe de mim querer me meter, mas o mundo é mais do que nadar bem rápido. Você tem muitas vidas diferentes possíveis pela frente. Como falei na semana passada, você poderia ser glaciologista. Andei pesquisando e...

E foi então que o telefone tocou.

— Só um minuto — disse a Sra. Elm, baixinho. — É melhor eu atender.

Um instante depois, Nora ficou observando a Sra. Elm ao telefone.

— Sim. Ela está aqui agora. — De repente, o rosto da bibliotecária foi tomado por uma expressão de perplexidade. Ela deu as costas para Nora, mas suas palavras puderam ser ouvidas pelo ambiente silencioso. — Ah, não. Não. Ai, meu Deus. Sim...

Dezenove anos depois

O homem à porta

Vinte e sete horas antes de decidir morrer, Nora Seed estava sentada em seu sofá velho e rasgado, rolando o feed e acompanhando a vida feliz de outras pessoas, esperando que algo acontecesse. E, então, do nada, algo de fato aconteceu.

Alguém, sabe-se lá por que, tocou a campainha.

Por um segundo, ela ficou se perguntando se não deveria ignorar o toque. Afinal, já estava pronta para dormir, mesmo ainda sendo nove da noite. Tinha vergonha de que a vissem com a camisa de malha folgada da ECO WORRIER e a calça de pijama xadrez.

Calçou as pantufas, para parecer um pouco mais civilizada, e viu que a pessoa à porta era um homem, e um que ela reconhecia.

Era alto, meio desengonçado e tinha jeito de menino, além de um rosto simpático, mas o olhar era bem vivo e penetrante, como se seus olhos conseguissem enxergar através das coisas.

Embora um tanto surpreendente, foi bom vê-lo ali, ainda mais porque ele estava com roupa de corrida e parecia acalorado e suado, apesar do tempo frio e chuvoso. O contraste entre eles a fez se sentir ainda mais desleixada do que havia se sentido cinco segundos antes.

Mas ela andava meio solitária. E, mesmo tendo estudado filosofia existencial o suficiente para acreditar que a solidão é parte intrínseca de ser da espécie humana num universo essencialmente sem sentido, foi bom vê-lo ali.

— Ash — disse ela, sorrindo. — É Ash, não é?

— É.

— O que te traz aqui? Bom te ver.

Algumas semanas antes, ela estava tocando teclado quando ele passou correndo pela Bancroft Avenue e a viu à janela do 33A, e então deu um tchauzinho de longe. Uma vez — alguns anos antes —, ele a convidou para um café. Talvez estivesse prestes a repetir o convite.

— Bom te ver também — disse ele, mas a testa franzida não demonstrava isso.

Quando os dois se falavam na loja, ele sempre parecia descontraído, mas agora havia um peso em sua voz. Ele coçou a sobancelha. Emitiu outro som, mas não conseguiu formar uma palavra inteira direito.

— Você vai correr? — Uma pergunta retórica. Era óbvio que Ash tinha saído para correr. Mas ele pareceu aliviado, de repente, por ter algo trivial a dizer.

— É. Vou correr a Meia de Bedford. É domingo agora.

— Ah, é. Que ótimo. Eu estava pensando em participar de uma meia maratona, mas aí lembrei que odeio correr.

Aquilo tinha sido mais engraçado dentro da sua cabeça do que quando as palavras saíram pela boca. Ela nem odiava correr, na verdade. Mas, mesmo assim, ficou inquieta ao ver a seriedade no rosto dele. O silêncio passou de constrangedor para outro patamar.

— Você me disse que tinha um gato — falou ele, por fim.

— É. Tenho, sim.

— Me lembrei do nome dele. Voltaire. Um gato malhado, de pelo laranja?

— Isso. O apelido é Volts. Ele acha Voltaire meio presunçoso. Não curte muito filosofia e literatura francesas do século XVIII. Ele é bem centrado. Sabe. Para um gato.

Ash baixou o olhar para as pantufas dela.

— Infelizmente, eu acho que ele está morto.

— O quê?

— Ele está deitado, sem se mexer, no canto da rua. Olhei o nome na coleira. Acho que deve ter sido atropelado por um carro. Sinto muito, Nora.

Ela ficou com tanto medo de sua mudança repentina de emoções naquele momento que continuou sorrindo, como se o sorriso pudesse mantê-la no

mundo em que estivera até então, aquele onde Volts ainda estava vivo e onde esse homem, para quem ela tinha vendido livros com partituras para violão, havia tocado sua campainha por outro motivo.

Ash, lembrou-se ela, era cirurgião. Não de animais; de humanos. Se ele dizia que algo estava morto era porque, muito provavelmente, estava morto.

— Sinto muito mesmo.

Nora foi tomada por uma tristeza que lhe era bastante familiar. Só não caiu em prantos por causa da sertralina.

— Ai, meu Deus.

Ela saiu de casa, andando pelo pavimento rachado e molhado da Bancroft Avenue, a respiração curta, e viu a pobre criatura de pelo laranja deitada no asfalto envernizado pela chuva, ao lado do meio-fio. A cabeça encostada na calçada, as pernas esticadas para trás, como se estivesse no meio de um galope, perseguindo algum pássaro imaginário.

— Ai, Volts. Ai, não. Ai, meu Deus.

Ela sabia que deveria estar sentindo dor e desespero por seu amigo felino — e estava —, mas tinha de admitir que havia algo mais. Enquanto olhava fixamente para a expressão calma e tranquila de Voltaire — aquela total ausência de dor —, um sentimento inevitável começou a tomar forma nas sombras.

Inveja.

Teoria das Cordas

Quando Nora era mais nova, seu pai costumava ficar ao lado da piscina, a mandíbula cerrada, os olhos alternando entre o cronômetro e a filha, enquanto ela tentava bater o próprio recorde. Ao chegar agora ofegante e atrasada para o turno da tarde na Teoria das Cordas, Nora se lembrou daquele velho olhar de julgamento que recebia com frequência após uma explosão de esforço físico.

— Foi mal — disse a Neil, no cubículo sem janelas e mal-ajambrado que chamavam de escritório. — Meu gato morreu. Ontem à noite. E precisei cuidar do enterro. Na verdade, uma pessoa me ajudou com isso. Mas depois fiquei sozinha em casa e não consegui dormir e esqueci de programar o despertador e só acordei ao meio-dia e aí tive que correr.

Era tudo verdade, e ela presumiu que sua aparência — incluindo o rosto sem maquiagem, o rabo de cavalo frouxo improvisado e o mesmo vestido jardineira de veludo cotelê verde de segunda mão que havia usado para trabalhar a semana inteira, acompanhados por um certo ar de desespero e cansaço — serviria como evidência.

Neil ergueu os olhos do computador e se reclinou na cadeira. Juntou as mãos e posicionou os indicadores num formato de agulha de torre de igreja, apoiando-os no queixo, como se fosse Confúcio ponderando a respeito de uma verdade filosófica profunda sobre o universo, em vez de o dono de uma loja de instrumentos e equipamentos musicais lidando com o atraso de uma funcionária. Havia um pôster imenso da banda Fleetwood Mac na parede atrás dele, cujo canto superior direito havia descolado e dobrado como a orelha de um cachorrinho.

— Olha, Nora, eu gosto de você.

Neil era inofensivo. Um cara de cinquenta e poucos anos aficionado por guitarras e violões, que gostava de contar piadas ruins e fazer covers medíocres de antigas canções de Dylan ao vivo na loja.

— E eu sei que você tem uns lances de saúde mental.

— Todo mundo tem uns lances de saúde mental.

— Você entendeu.

— Eu tenho me sentido bem melhor ultimamente — mentiu ela. — Não é um problema clínico. O médico disse que é uma depressão situacional. Só que eu fico tendo novas... situações. Mas nunca faltei ao trabalho por causa disso. Tirando quando a minha mãe... É. Tirando aquela vez.

Neil suspirou. Quando fazia isso, emitia um silvo pelo nariz. Um si bemol sinistro.

— Nora, há quanto tempo você trabalha aqui?

— Doze anos e... — ela sabia o tempo exato — onze meses e três dias. Com poucas interrupções.

— É tempo demais. Eu tenho a impressão de que você merece coisa melhor. Com seus trinta e muitos anos.

— Eu tenho trinta e cinco.

— Tem tanta coisa acontecendo na sua vida. Você dá aulas de piano para pessoas...

— Uma pessoa.

Ele espanou um farelo do suéter.

— Você se imaginava presa na sua cidade, trabalhando numa loja? Sabe, quando tinha catorze anos? Como você se via?

— Aos catorze? Como nadadora.

Ela havia sido a atleta de catorze anos mais rápida do país em nado peito, e a segunda em nado livre. Ela se lembrava das vezes que havia subido ao pódio nos campeonatos nacionais de natação.

— E aí, o que aconteceu?

Ela fechou os olhos. E se lembrou da decepção, com cheiro de cloro, de terminar em segundo lugar.

— Era muita pressão.

— Mas a pressão é o que faz a gente. A pessoa começa como carvão e a pressão faz dela um diamante.

Nora não corrigiu o conhecimento dele sobre diamantes. Não lhe disse que, embora carvão e diamante sejam feitos de carbono, o carvão é impuro demais para, sob qualquer pressão, ser capaz de virar diamante. De acordo com a ciência, você começa como carvão e termina como carvão. Talvez aquela fosse a verdadeira lição de vida.

Ela enfiou no rabo de cavalo uma mecha solta dos cabelos pretos como carvão.

— O que você está dizendo, Neil?

— Nunca é tarde demais para correr atrás de um sonho.

— Tenho quase certeza de que é tarde demais para correr atrás desse.

— Você é uma pessoa muito qualificada, Nora. Formada em filosofia...

Nora baixou o olhar para o pequeno sinal na mão esquerda. Aquele sinal tinha passado por tudo o que ela havia passado. E continuava ali, indiferente. Apenas sendo um sinal.

— Honestamente, não tem uma demanda *muito grande* por filósofos em Bedford, Neil.

— Você entrou pra faculdade, passou um ano em Londres, depois voltou.

— Não tive muita opção.

Nora não queria falar da falecida mãe. Nem de Dan. Porque Neil havia achado a desistência de Nora do casamento, a dois dias da cerimônia, a história de amor mais fascinante desde Kurt e Courtney.

— Todos nós temos opção, Nora. Existe esse lance do livre-arbítrio.

— Não se você tem uma visão determinista do universo.

— Mas por que *aqui*?

— Era aqui ou no Centro de Resgate de Animais. A loja pagava melhor. Além do mais, você sabe, música.

— Você foi de uma banda. Com seu irmão.

— Fui. The Labyrinths. A gente não ia dar em nada, na verdade.

— Seu irmão discorda.

Aquilo pegou Nora de surpresa.

- Joe? Como você...
- Ele comprou um amplificador. Marshall DSL40.
- Quando?
- Na sexta.
- Ele estava em Bedford?
- Só se aquilo era um holograma. Tipo o Tupac.

Ele provavelmente tinha ido visitar o Ravi, pensou Nora. Ravi era o melhor amigo do irmão. Enquanto Joe tinha abandonado a guitarra e se mudado para Londres para trabalhar num emprego de merda em TI, que ele odiava, Ravi havia permanecido em Bedford. Agora tocava em uma banda de covers chamada Slaughterhouse Four, se apresentando em pubs pela cidade.

- Entendi. Interessante...

Nora tinha quase certeza de que o irmão sabia que sexta-feira era seu dia de folga. Isso mexeu com ela.

- Estou feliz aqui.
- Só que não.

Ele tinha razão. Uma náusea tomava conta de sua alma. Sua mente vomitava em si mesma. Ela ampliou o sorriso.

— Quer dizer, estou feliz com esse emprego. Feliz no sentido de, você sabe, satisfeita. Neil, eu preciso desse emprego.

— Você é uma boa pessoa. Se preocupa com o mundo. Com quem não tem onde morar, com o meio ambiente.

- Eu preciso de um emprego.

Ele voltou à pose de Confúcio.

- Você precisa de liberdade.

- Eu não quero liberdade.

— Isso aqui não é uma organização sem fins lucrativos. Mas devo dizer que está rapidamente se tornando uma.

— Vem cá, Neil, isso tem alguma coisa a ver com o que eu disse umas semanas atrás? Sobre você ter que modernizar as coisas? Eu tenho algumas ideias pra fazer os jovens...

— Não — disse ele, na defensiva. — Antigamente este lugar só vendia guitarras e violões. Teoria das Cordas, sacou? Eu diversifiquei. Fiz funcionar. Só que, nesses tempos difíceis, não posso pagar você para afugentar os fregueses com essa cara de fim de semana de chuva.

— O quê?

— Perdão, Nora — ele hesitou por um instante, mais ou menos o tempo necessário para levantar um machado no ar —, mas vou ter que demitir você.